

ENTREVISTA

GOFFREDO TELLES JÚNIOR: UM CASO DE ESPECIAL VOCAÇÃO

Num continente em que a proporção de intelectuais relativamente à população é ínfima, num país que, à exceção de uns poucos rebentos contrários à inclinação da história; não produziu pensadores que modificassem o curso de qualquer setor do conhecimento, numa região, enfim, que, em virtude de sua dramática realidade social, parece tão refratária a tudo quanto se chama descobrimento ou inovação científica, surpreende encontrar um autor que propugne algo de cientificamente novo.

Não que a idéia principal da obra do Professor Goffredo Telles Júnior; que iremos retratar na entrevista a seguir, não tenha sido defendida por ninguém antes dele. Pelo contrário, a visão cósmica e integral, que o Dr. Goffredo tem da realidade e particularmente do direito, objeto dos seus mais profundos estudos, já aparece sugerida tão cedo na história quanto nas obras de Heráclito e Empédocles. Nem por isso, entretanto, a originalidade das idéias de Goffredo fica prejudicada. Darwin não é menos pai da teoria da evolução porque Anaximandro já falava em umas formas vivas terem evoluído de outras de outras mais simples, porque Malthus disse que fatores ambientais acarretam uma acirrada competição pela sobrevivência, ou porque Lamarck já tivesse sido evolucionista antes dele. Ninguém deu contornos sistemáticos, científicos e argumentativamente tão vitoriosos ao evolucionismo como Darwin. Ora, o dimensionamento do Direito engastado na ordem única a reger todos os seres do mundo, desde o nível dos maiores aglomerados e muralhas de galáxias até o nível microscópico da célula viva e das partículas subatômicas da matéria, foi desenvolvido assim precursoramente em

termos científicos na obra de Goffredo Telles Júnior intitulada "O Direito Quântico" (Max Limonad).

Não se trata, obviamente, de uma visão já pacificamente aceita pelos cientistas de grande gabarito. O assunto da existência de uma ordem universal única a reger o cosmo não é da mesma natureza de outras discussões científicas. Uma única descoberta pode determinar a consagração de uma teoria específica ou fórmula nova de física ou química, ao passo que a ordem cósmica de todas as coisas jamais poderia ficar estabelecida por um único achado. Ao contrário, um número elevado de descobertas coordenadas é necessário para impor a sua consagração mais definitiva. Daí o estágio ainda intermediário em que a questão se encontra.

A tendência geral no meio científico, entretanto, é claramente na direção do reconhecimento de uma ordem global a presidir o mundo. Não causa espanto que a obra do Professor Goffredo tenha enorme aceitação nos círculos científicos que já se inteiraram dela, enquanto, por razões mais ou menos óbvias, encontre correspondência bastante menor no meio jurídico e de ciências humanas em geral.

Não é objetivo desta entrevista, contudo, aprofundar-se no assunto particular do "Direito Quântico" e a ordem cósmica. Os interessados poderão pesquisar o assunto na obra homônima de Goffredo, bem como na escassa, mas encontradiça literatura especializada no assunto. Preocupa-nos aqui apresentar sobretudo uma visão geral da pessoa e obra do jurista e filósofo que tem divulgado tais idéias entre nós, ou, em uma palavra, apresentar o caso de especial vocação por trás de tão importantes idéias.

Goffredo da Silva Telles Júnior, 75, é o Professor Emérito da Universidade de São Paulo, na qual lecionou desde 1940 até aposentar-se, em 1985, do seu cargo de Professor Titular da Faculdade de Direito.

Mais de uma vez Chefe do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito nessa Faculdade, o Professor Goffredo

pode ser considerado, sem sombra de dúvida, um símbolo das letras jurídicas no Brasil e particularmente na Faculdade do Largo de São Francisco. Laureado como Advogado-Símbolo da Ordem dos Advogados do Brasil, o velho mestre ensinou numerosas disciplinas ao longo de sua carreira docente, fundou o referido Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito das Arcadas, organizou os seus Cursos de Pós-Graduação, representou a Congregação da Faculdade no Conselho Universitário da USP e exerceu a Vice-Diretoria e Diretoria da FADUSP em vários períodos.

Particularmente querido entre os alunos, Goffredo foi Parainfno e Patrono de muitas turmas de estudantes de Direito, inclusive após sua aposentadoria. Com o advento compulsório desta, por força da Lei, os estudantes do Largo de São Francisco o aclamaram Professor-Símbolo (1985).

Membro do Instituto Brasileiro de Filosofia, Goffredo é autor de ainda vários livros e artigos nessa área, assim como livros jurídicos e de Ciência Política. Suas principais obras, além do "Direito Quântico", são: "Filosofia do Direito", "A Criação do Direito" (ambas em dois tomos), "Tratado da Conseqüência" e "Ética- do Mundo da Célula ao Mundo da Cultura".

Várias vezes atuante em momentos cruciais da vida política nacional, mencione-se por fim que Goffredo Telles Júnior inscreveu-se na história de nosso país ao redigir a ler a "Carta aos Brasileiros" por ocasião do Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos no Brasil, em 11 de agosto de 1977, documento que veio a tornar-se importante marco no processo de abertura democrática em nosso país, ao final da série de governos militares no poder desde a Revolução de 64.

Reflexão: Em termos de traçado de personalidade ou de história de vida, como o Professor Goffredo se daria a conhecer?

Goffredo: A resposta a uma pergunta dessa natureza parece-me muito simples. Minha vida não tem segredos. Ela é

conhecida por quantos a acompanharam ou conviveram comigo. Desde a infância, estive muito ligado à natureza. Criei-me junto à terra. Costumo dizer que sou um agricultor há mais de cento e cinquenta anos. Os motivos naturais exerceram sobre mim extraordinária fascinação.

Nesse tempo, ou um pouco antes, fiz minhas primeiras letras. Minha avó foi minha primeira professora, e nossa casa serviu de escola. Depois, fiz o ginásio no Colégio São Bento, na capital. Em 1933 ingressei na Faculdade de Direito.

Um pouco antes, em 1932, eu entrara na Faculdade para a festa de fundação da sua Academia de Letras, a qual nascera na casa de minha avó, onde morávamos meus pais, meus quatro irmãos e eu. A casa de minha avó, Olívia Penteadó, introdutora da arte moderna no Brasil, era um importante centro social de arte e literatura em São Paulo. Ali os estudantes da Faculdade imaginaram a criação da Academia de Letras, à qual, um ano mais tarde, eu viria a pertencer.

Desde que entrei, portanto, na Faculdade, em 33, até minha formatura, em 37, tive uma vida extremamente ativa, tanto em matéria política como de estudos. Aos meus dezoito anos de idade, ainda aluno da Faculdade, fui eleito suplente de Deputado Constituinte em São Paulo.

Minha vida era, porém, muito simples. Eu gostava de estudar e lia muito. Li, nessa época grandes escritores franceses, no original, posto que entendia francês e inglês tão bem como português.

Reflexão: O senhor morou na França, não foi?

Goffredo: De fato. Passei dois anos em Paris quando ainda criança. Meu pai tinha trabalhos por lá, não sei bem quais. Naquela temporada eu aprendi o inglês e o francês, o que me permitiu ler grandes obras literárias da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos. Ainda muito jovem, eu já conhecia Anatole France, Gustav Flaubert e outros autores. Flaubert me fascinava, com seu estilo primoroso.

Além disso, li também os grandes autores portugueses, como Eça de Queirós, Castelo Branco e muitos outros durante meu bacharelado na Faculdade de Direito.

Tanto me fascinavam as letras e a Faculdade, que, lá pelo terceiro ano do curso, decidi preparar-me para o concurso de ingresso na carreira docente. Minha vida de professor começou, então, no Colégio Universitário, hoje já não mais existente, onde lecionei Lógica. Em seguida fiz o concurso de livre-docência e ingressei no corpo docente da própria Faculdade de Direito, em que estudara.

Desde o primeiro dia de minhas atividades como professor até o último, em 1985, exerci minha profissão com um amor, que não sei descrever. Eu realmente nasci para ser professor. Aliás, nasci para três coisas: para ser professor, para ser advogado e para ser um plantador de árvores e flores. Assim, durante quarenta e cinco anos lecionei na Faculdade de Direito e por mais de meio século, exatos cinquenta e quatro anos, estive ligado à Universidade de São Paulo.

Desde o quarto ano da Faculdade já trabalhei como solicitador registrado na Ordem dos Advogados. Uma vez formado, exerci a advocacia criminal, fazendo vários júris, no fórum, em São Paulo. Até hoje, mantemos nosso escritório de advocacia à avenida São Luiz.

Reflexão: De acordo com a lista de três vocações principais, que o senhor mencionou, a política seria uma vocação subalterna?

Goffredo: Não é propriamente assim, que eu encaro a política. Para mim, fazer política é o reflexo natural de minhas idéias filosóficas e jurídicas. Sempre fiz política em nome de princípios, em nome de uma filosofia e em nome dos ideais do Direito.

Em 1945, fui eleito Deputado Federal Constituinte, participei ativamente da Assembléia Constituinte de 46, assinei a nova Constituição em 47 e exerci meu mandato até 1950, quando me desliguei de todos os partidos para dedicar-me melhor à carreira docente.

Devo dizer que por três vezes eu solicitara autorização anteriormente à Mesa da Câmara para dar aulas na sexta-deira à noite, no sábado inteiro e no domingo. Como a Mesa rejeitara, tive de ir por conta própria. Talvez estivesse desobedecendo a ordens da Câmara, mas a verdade é que eu estava obedecendo a uma vocação invencível de ser professor.

Reflexão: Se não for indiscreto, como ficava ou fica a vida doméstica do senhor entre tantos afazeres?

Goffredo: Minha vida particular sempre foi relativamente simples. Estou casado há vinte e três anos com Maria Eugênia, minha aluna tanto no curso de graduação como no de especialização. Enquanto a tive por aluna nunca sequer me ocorreu que um dia viria a ser minha esposa. Depois dos dois anos de especialização em contratos internacionais, que ela passou nos Estados Unidos, encontramos-nos uma noite, no saguão da Folha de São Paulo, se não me engano na solenidade de entrega do prêmio Juca Pato ao escritor Caio Prado Júnior. Desde aquele momento sinto que minha vida conjugal estava determinada.

Anteriormente eu já fora casado com Lígia Fagundes Telles, a escritora, de quem tive um filho admirável, desculpem o adjetivo: Goffredo Neto, que é hoje cineasta de destaque.

Tenho ainda uma filha no terceiro ano da Faculdade, Olívia, que desde cedo demonstra, devo dizer com sinceridade, uma espantosa vocação jurídica.

Quanto a mim, continuo no meu escritório de advocacia consultiva, onde recebo os amigos, não só para pareceres e opiniões, mas também para trocar idéias sobre assuntos variados e tomar um café. Às vezes são problemas jurídicos muito sérios que me trazem, outras vezes aqui vêm os políticos. Como não somos filiados a partido nenhum, para aqui acorrem líderes de diversos partidos...

Em resumo, minha vida é de muito trabalho e de muito amor. Confesso que o segredo deste nosso escritório é

que não se faz nada direito se não o fizer com extremo amor. O amor é o segredo da vida: estou convencido disto. O coração é, sem dúvida, a grande força da vida humana. Não estou diminuindo absolutamente a importância dos dotes intelectuais, mas apenas digo o que aprendi ao longo dos meus setenta e cinco anos de vida: que as coisas que fazemos bem na vida são as que fazemos com amor. Quando procedemos assim em geral estamos seguindo as normas da inteligência.

Reflexão: Lendo a sua obra, Professor, vemo-nos diante de um jurista de nítidas inquietações filosóficas. Ora, parece que, no Brasil, a Filosofia nasce entre os juristas. O senhor poderia contar-nos algo acerca dos seus envolvimento com a Filosofia?

Goffredo: Realmente a Filosofia sempre foi minha preocupação constante. Desde o ginásio, no Colégio São Bento, tive grandes amigos filósofos, padres que foram meus professores. Tive muitas discussões com esses padres, grandes companheiros ao longo da vida inteira, antes e depois do ginásio. Discutíamos temas como: o que é um movimento, o que é o espaço etc. Até hoje me recordo de nossa disputas acerca dos sofismas de Zenon de Eléia...

De fato, a preocupação filosófica foi uma constante ao longo de toda minha existência. Desde muito cedo tive presente em meu espírito que qualquer concepção de vida prende-se a uma concepção universal. Somos forçados a considerar as coisas do mundo como efeitos de determinadas causas, o que nos leva a indagar o que um efeito será, e o que uma causa. Endosso a doutrina aristotélica das quatro causas, a meu ver até hoje irrefutável. Essa doutrina, por sua vez, prende-se à noção dos princípios. Perguntamos: que é um princípio? Que é uma condição? Qual a diferença entre princípio e causa? E entre causa a condição? Do mundo real chegamos com grande facilidade à metafísica. Confesso que estudei muito meticulosamente toda a metafísica, de ponta a ponta, antes de passar ao estudo dos filósofos propriamente ditos. Assim me iniciei na Filosofia.

Reflexão: Foi nessa época que o senhor entrou em contato com Tomás de Aquino?

Goffredo: Exatamente. Nessa época tomei contato com Aristóteles e outros filósofos gregos, notadamente Platão e Pitágoras, bem como com os grandes pensadores medievais, a exemplo de Santo Tomás de Aquino, por quem sentia uma ternura especial. Eu sentia em Santo Tomás aquele fascinante espírito de santidade, coisa que me marcou muito.

Deste ponto passei a novos e mais profundos estudos. Fiz uma leitura muito cuidadosa de Spinoza, o que me levou a estudar ainda outros autores como Descartes e, finalmente, Kant. Este último exerceu sobre mim uma influência gigantesca. Li-o pela primeira vez antes de meu concurso de livre-docência na Faculdade. A “Crítica da Razão Pura” me fascinou. Li-a com todo esmero e tornei a lê-la depois, já bem mais velho, quando de meu concurso para Professor Catedrático. Nesta última ocasião, devo dizer, fiquei dois anos fora da terra, como que num outro mundo, tamanha a fascinação que o livro me causou.

Todos estes estudos estão bem evidenciados no meu livro “A Criação do Direito”, onde exponho o pensamento dos autores citados com absoluta familiaridade. Realmente sinto como se esses homens fossem meus irmãos. Tenho-os como companheiros de vida e pensadores extraordinários, mesmo onde não concordo com eles. Foi com tais pensadores e filósofos que mais convivi ao longo de minha existência. Com efeito, não sei viver sem a Filosofia. Ela é para mim companheira de todos os momentos.

Reflexão: Nos últimos vinte anos de vida, a propósito, o senhor tem-se dedicado ao estudo de disciplinas científicas como Física, Química e Biologia. Que ligação poder-se-ia estabelecer entre as conclusões do senhor nesses campos do conhecimento e suas antigas cogitações filosóficas?

Goffredo: As ligações são diretas, sem dúvida alguma. Meu estudo do Direito leva-me à convicção de que o mesmo é

a disciplina da convivência humana. Ora, o comportamento do homem tem suas causas, inclusive de natureza biológica. Assim atirei-me ao estudo das causas biológicas do comportamento humano.

Analisei o funcionamento das células e o papel das enzimas na síntese das proteínas. Grande parte do comportamento humano das proteínas, produzidas nas nossas células, nessas extraordinárias usinas chamadas células. Vi-me, então, diante do problema da constituição celular: de que elementos são feitas as células, questão que me introduziu ao estudo da Química. Ocorre, porém, que os elementos químicos trabalham de maneira física, e assim terminei estudando também a Física. Tudo por causa do comportamento humano e deste seu fruto, que é a ciência do Direito. Química, Física e Biologia são três ciências inseparáveis e, tenho a ousadia de dizer, inseparáveis também da ciência do Direito. Estudando-as, volto a ter aquela sensação da unidade cósmica em torno de mim.

Estou convencido de que, em se querendo estudar os fundamentos do Direito, chegar-se-á à convicção de que é preciso estudar também a Biologia, quando não a Física e a Química. Meus dois últimos livros, "O Direito Quântico" e a "Ética", fazem essa demonstração. A "Ética" funda-se no funcionamento da célula e na interação entre os complexos celulares e os fatores ambientais para determinação do comportamento.

Tudo isso assumiu para mim um significado muito expressivo. Verifiquei existir uma enorme semelhança, senão mesmo identidade, na estrutura e no funcionamento elementar de todos os seres vivos. As células de animais microscópicos e as de Einstein são iguais, no que têm de mais básico. A célula é sempre a mesma e funciona da mesma maneira. Reina uma extraordinária irmandade entre todos os seres vivos, o que me conduz à velha conclusão de que todos são filhos do mesmo Pai. Da contemplação da natureza chego assim, após muita caminhada, a um sentimento final religioso. É impossível

desligar as coisas. A grande verdade antiga permanece, de que a criação é uma só. A Filosofia e as ciências exatas concorrem em afirmar tal fato.

Não obstante, vejo certa resistência hoje em dia contra essas idéias. Não, absolutamente, entre os biólogos, pois estes compreendem sem a menor dificuldade o que acabo de afirmar. Eles sentem evidentemente haver um laço entre o que os juristas sabem e o que eles, biólogos, sabem. Entre os juristas é que há uma resistência, como se a ordenação jurídica fosse uma ordenação à parte. Ora, quero dizer, com toda sinceridade, que a ordenação do mundo é uma só, e que a ordem jurídica é parte integrante e orgânica da ordem cósmica. Parte das mais nobres, da mais importantes conhecidas, é verdade, enquanto resulta da atividade do ser mais desenvolvido, que a evolução da matéria produziu, mas ainda parte integrada ao ordenamento cósmico. A unidade entre todas as coisas acarreta, assim, a unidade da ciência.

Reflexão: Variando um pouco nossa conversa, Professor, conte-nos um pouco mais detalhadamente acerca de sua participação político-social em tantos anos de vida. Em diversos momentos da história recente deste país, suas contribuições têm sido de grande peso. Basta falar da "Carta aos Brasileiros", de 1977...

Goffredo: Eu sempre tive imenso respeito pela liberdade e os direitos humanos, convicção manifesta desde meu primeiro livro, escrito em 36 e 37 e publicado em 38. Nessa obra, discorro sobre o Estado Moderno, o Estado a que chamo "ético", respeitador e garantidor das liberdades humanas. Em 38 estávamos no apogeu do nazismo, e esse livro manifesta minhas convicções contrárias ao Estado totalitário.

Minha vocação política nasce, assim, de uma vocação pela liberdade - não uma liberdade desregulada, desregulada, pois esta é a liberdade contra o homem. Creio na liberdade a favor do homem, na liberdade do respeito e da ordem. Sempre achei isso. Não há liberdade sem respeito pelo próximo e por toda a criação, inclusive os animais e os

vegetais. Não quero parecer demagógico, mas tudo o que é belo o bom parece asperar a ser livre. Liberdade, respeito e beleza são três coisas que se confundem numa só para dar a sinfonia do mundo. Este senso de liberdade é que me leva a fazer política.

A “Carta aos Brasileiros” foi um protesto contra a ditadura então reinante em nosso país. Os governos de força sempre causaram em mim uma profunda indignação, um horror acentuado. Encho-me de horror ao tomar conhecimento de perseguições e injustiças, praticadas pelo governo. Cabe ao governo dar o exemplo, ditar o tom de respeito pela liberdade de cada um. Quando isto não ocorre, mas o contrário, quando o governo se mostra prepotente, isso imediatamente se reflete nos seus súditos: a violência aumenta entre os cidadãos. As estatísticas demonstram ser nas fases em que o governo respeita os direitos humanos, que os crimes violentos diminuem na sociedade. É nos tempos de governos respeitadores, que temos o maior respeito entre as pessoas. A informação, que posso dar quanto a minha participação política é que, enquanto eu tiver saúde, estarei na estacada contra os hábitos de força. A experiência me mostra que um governo inconseqüente facilmente descamba em um governo de força, pelo que devemos estar atentos...

Reflexão: No tocante à teoria política, circulam hoje em dia correntes diagnosticando a necessidade de reformas profundas na própria concepção de Estado, de modo a se corrigirem os desvios decisórios e de planejamento, que tanto incham o Estado quanto comprometem a sua eficiência. Particularmente o Poder Executivo tem se hipertrofiado face à demanda de decisões muito mais numerosas e rápidas, que a complexificação da vida impõe. O Estado tem demonstrado não conseguir decidir bem, isto é, em harmonia com o bem comum e não com interesses pessoais, eleitorais ou de classe, quando tem de decidir muito ou de modo dependente do jogo de conquista e manutenção do poder por parte das autoridades. Posto que o senhor, ao que nos consta, trata estes

assuntos no próximo livro, já no prelo, que irá publicar, poder-nos-ia dizer quais são exatamente suas idéias a respeito?

Goffredo: Esta é uma pergunta extremamente atual, que fere de frente um dos problemas mais graves propostos pelos fatos aos constitucionalistas contemporâneos. Sentimos, de fato, a necessidade de uma reforma institucional da democracia, na medida em que vemos seus órgãos não funcionando a contento. O Congresso Nacional, por exemplo, a utilizarmos o caso do Brasil, é um Congresso ausente, afastado dos problemas nacionais, que decide muitas vezes de modo contrário ao que a sociedade civil desejaria. É curioso como justamente o órgão chamado de "representação nacional" não esteja cumprindo sua vocação doutrinária. Em tese, o Congresso Nacional deveria ser a chave da democracia, o estuário das grandes aspirações nacionais, coisa que não está sendo satisfatoriamente. Daí a necessidade de se alterar as instituições.

Os partidos andam frágeis e inconseqüentes, não constituindo grupos perfeitamente definidos, não tendo pensamento certo, não se conduzindo em torno de doutrinas definidas, nem tendo bandeiras que se conheçam claramente. Tanto isto é verdade, que os políticos de carreira passam de uma para outro partido sem nenhum constrangimento.

O que vemos são partidos fisiológicos. A fisiologia substituiu a ideologia, com os interesses eleitorais correndo à frente e as orientações doutrinárias atrás. O fato, porém, é que partidos assim, como os há no Brasil, não cobrem de modo algum toda a realidade social. Na vida política brasileira, hoje em dia, mal se vê esquerda e direita, para não falar nas múltiplas posições intermediárias entre esses dois extremos.

A sociedade não é centro, esquerda, direita, centro-esquerda e centro-direita. Entretanto, nem sequer dessas posições elementares há representação razoável nos partidos que aí estão. Qua falar dos inúmeros grupos humanos em que a sociedade realmente se divide? A vida real se desenrola na família, nos estabelecimentos de trabalho, nos sindicatos, nas

associações, nos clubes, nos grupos religiosos, etc., não nos partidos políticos. A vida dos líderes partidários sim, desenvolve-se bastante dentro do partido; a nossa vida não.

Ora, estou convencido de que a representação democrática depende desse reconhecimento. O povo não é massa. A massa é homogênea, assim como a massa do pão, mas o povo é heterogêneo. O povo compõe-se de grupos diferentes, cada qual com a sua idéia e, por assim dizer, a sua "comunhão" interna. Cada qual tem um governo e uma ordenação própria. Tudo isso precisa ser posto em relevo para termos uma democracia realmente representativa. Sinto que precisamos de canais, canais da democracia pelos quais introduzir a vontade dos governados nas decisões dos governantes. Apenas por meio dos partidos políticos é impossível que isso aconteça.

No meu novo livro trabalho este assunto. Demonstro que apenas o Congresso Nacional não resolve o problema democrático, o problema dos anseios do povo. Daí esse número imenso de greves e manifestações de classe.

Está faltando alguma coisa. Antes de mais nada, proponho que haja um plenário, aonde cada grupo social representado pudesse trazer seus problemas sérios. Os representantes dos grupos sociais não seriam deputados ou senadores, mas mandatários diretos para discutir com os órgãos planejadores os problemas dos grupos que representam. Daí surgiriam soluções a serem apresentadas ao Congresso Nacional como projetos de Lei.

Simultaneamente, proponho também a criação de um órgão de planejamento, a fim de se sustar o hábito de governar-se sempre para o dia de hoje, e nunca para amanhã. Esse órgão seria, naturalmente, muito distinto do atual "Ministério do Planejamento", o qual não tem funcionado a contento. Tratar-se-ia de um órgão técnico responsável por manter sempre no horizonte os objetivos nacionais prioritários e o caminho para se os atingir. Ali estaria sempre em tela uma visão telescópica da realidade, uma visão da civilização nacional

como um todo. Assim resumo minhas propostas para uma reforma da democracia em nosso país.

Reflexão: Que linha evolutiva principal traçaria o senhor para o seu próprio pensamento ao longo de obras como "Filosofia do Direito", "A Criação do Direito", "O Direito Quântico" e "Iniciação na Ciência do Direito"?

Goffredo: Creio que o que temos até aqui tratado delinea a linha que meu pensamento tem seguido. Devo complementar dizendo que tal pensamento cada vez mais, por assim dizer, se espiritualiza. Não que eu me esteja absolutamente afastando da grande realidade material do mundo. Digo enfaticamente que não, porque tudo se liga a tudo. Como já tive a oportunidade de dizer, a ciência caminha cada vez mais para a demonstração de que as coisas se prendem umas às outras, e que todas se prendem a um mesmo Princípio. Esta é a unidade da ciência de que já falei e, sem dúvida, para ela caminha meu pensamento.

Transcrição: L.F. Lobão Moraes